

AS DESAPARIÇÕES (ALEXEI BUENO)Carlos Eduardo Marcos BONFÁ¹

A literatura contemporânea é muitas vezes apresentada como um “problema”. De início, creio que o maior “problema” da literatura contemporânea é o próprio fato dela ser contemporânea, isto é, coincidente com as contingências do olhar presente humano em sua condição de maior “imediatez”. O contemporâneo é sempre um “problema” e sempre exigiu, em todas as esferas da cultura, uma reação, uma “resposta” (porque, em suma, são estas reações e “respostas” que definem o contemporâneo). As “respostas” da literatura (e da poesia) ao contemporâneo devem ser intuídas, creio, no interior da ótica estética de cada autor e, às vezes, da ótica estética de cada obra específica de cada autor. A partir desta condição, é possível também verificarmos “respostas” próximas entre autores e obras, de onde a crítica infere “linhas” de atuação estética que, em futuro próximo ou distante, possam assumir estruturalmente a “definitiva” ou as “definitivas” e/ou melhor realizadas “respostas” à nossa época, como ocorreu em todas as outras.

A “resposta” de um poeta como Alexei Bueno (1963-) é a de um eu poético que retoma de modo ostensivo determinadas tradições que pretensamente corresponderiam àquilo que uma crítica como Leyla Perrone-Moisés define enfática e orgulhosamente de “altas literaturas”. Esta “linha” de ostentação da tradição, à qual pertence Alexei Bueno, também agrega autores como Ivan Junqueira e Bruno Tolentino.

Os autores desta linha denominada (não sem regozijo para os delatores e ao menos certo rancor e incômodo aos rubricados) “neoconservadora” associam um elemento de eternidade da literatura a determinadas tradições poéticas ora mais ora menos distinguíveis, que irão desde clássicos antigos greco-romanos até a modernidade do século XX, excetuando as vanguardas em suas manifestações mais radicais, havendo uma ênfase na modernidade *fin-de-siècle*, de maneira geral. Essa associação se faz ostensiva, oscilando entre uma angústia da influência e um orgulho da influência, representativo da consciência de dialogar com as “altas literaturas” incontornáveis e de rivalizar com uma compreensão do contemporâneo que queira superá-las em sentido

¹ Doutorando em Teoria e Crítica Literária na Universidade Estadual de Campinas; Unicamp; CEP: 13.960-000; Socorro (SP); Brasil; endereço eletrônico: ce.bonfa@terra.com.br.

mais vanguardista ou experimental ou que não as reverencie. Por fim, essa associação será, por sua vez, também associada a um humanismo essencial, a uma incancelável possibilidade de busca de um *quid* ontológico humano, ainda que às vezes conturbado, fugidio ou de difícil ou provisoriamente suspensa apreensão e (re)conquista.

Em *As desapareições* (2009), o eu poético de Alexei Bueno permanece evidentemente fiel a esta “resposta” ao contemporâneo. “Respostas” díspares o acusariam de permanecer pensando a tradição pela mera ótica do domínio escolar de elementos formais e/ou de transformar a tradição em uma espécie de entidade inócua, sem tensão de alteridade produtiva e recuperável via uma mistificação artificial. Mesmo não deixando de levar em consideração estas críticas, a diferença (ora mais ora menos bem realizada) da poética de Alexei Bueno que podemos perceber em seus momentos mais felizes é a de trazer para o presente do homem contemporâneo a consciência de que, ainda que contemporâneas, as tramas e vicissitudes *sine qua non* de sua condição o perseguem desde os tempos mais remotos, assumindo matizes de época. Alexandre de Melo Andrade demonstrou em “Os Deuses se tornam Humanos: a Poesia de Alexei Bueno” como a finitude humana e suas conseqüentes aspirações metafísicas dialogam desde sempre com o tempo mítico em relação à historicidade, diálogo que não se dissocia do homem atual. Nas *Desapareições* também há esta aproximação ao presente, descoberto através da tradição da relação dúbia com o universo urbano-industrial ou da tradição da *femme fatale*, por exemplo. Em “Silvia Saint”, Silvie Tomčalová (1976-), a modelo tcheca que se tornou a maior lenda da pornografia é, através da revitalização desta tradição da *femme fatale*, uma resposta ao poema “Karma [Marcha Triunfal]”, onde é exposto o mundo contemporâneo como reificado pelo imaginário pornoide e obsceno. Mais do que pode parecer, isto é, uma concessão a este mundo, é antes uma tentativa de dar dignidade poética a ele, transfigurá-lo simbolicamente. A luz da fissura genealógica que pisa nos passos de Silvia Saint torna sua quintessência a da **arquetípica puta**, isto é, possui um caráter universal, associando-se à imagem da prostituta. É metamórfica, mas de uma metamorfose que conflui sincronicamente como sumário de todas as mudanças da abertura diacrônica: deusa **de uma e mil faces**. Deusa das prostitutas, isto é, Afrodite, mas também **Vênus baixa e celeste** (tradição greco-romana) – concentração do simbolismo neoplatônico das Vênus Gêmeas: Vênus Celeste e Vênus Vulgar. Silvia Saint é ambas, pois também é Saint, santa, além de puta, cadela,

vaca: **sórdida e santa**. E, assim posto, sua fascinação é perceptível ao revelar sensações e sentimentos turbados ou prejudiciais, onde o fascinado é resignado, dedicado e modesto:

Jamais, deusa, não traias
Teus pobres fiéis que babam,
Que em êxtases se acabam
Por ti, pelas tuas aias.

Louro véu do universo,
Sacra estátua e cadela,
Pisa esta alma que vela
Teu sonho áureo e perverso.

Se for uma concessão, é uma concessão pela poesia, pela universalização da poesia aqui de um cunho moderno e contemporâneo que não vira as costas para a poesia da antiguidade: é a poesia de perfil *heautontimoroumenos*, que se assume masoquistamente, pois aqui um mundo em “crise” ou reificado só pode ser dotado de poesia pelas vias de exibição sôfrega, autoflagelada.

Neste momento poderíamos nos perguntar, um pouco sugestionados por Alfredo Bosi, até que ponto, no interior do culto da imagem contemporânea, a absorção destes temas como a pornografia não colabora negativamente com o mercado de imagens que assola ideologicamente a vida contemporânea. Bosi é radical e observa como nesta tendência está “cada vez mais árdua e rara a expressão lírica pura, forte, diferenciada, resistente” (BOSI, 2004, p. 17). Para mim, a poesia-resistência pode ser aquela que seleciona criteriosamente os signos que interferem na esfera da vida, mas pode ser, ao contrário, e com grande vigor, aquela poesia que absorve crítica e/ou ironicamente estes signos, por mais cooptados que estejam aos dispositivos midiáticos preponderantes. Afinal, a poesia, como esclarece Michel Deguy, é “culto das imagens”, é iconófila, mas sem credulidade nem superstição, é um crer, mas sem crenças. Essa ideia deslocada do Deguy pode bem expressar parcialmente o que quero dizer com absorver imagens seja com “distanciamento” crítico ou “aproximação” irônica.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. de M. Os Deuses se tornam Humanos: a poesia de Alexei Bueno. *Revista Texto Poético*. v. 8, 2010.

BUENO, A. **As desapareições**. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2009.

BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DEGUY, M. **Reabertura após obras**. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

PERRONE-MOISÉS, L. **Altas literaturas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.